

Sentidos da liberdade de expressão no mundo do trabalho¹

Fernando Felício PACHI FILHO²
Unip/FTT, São Paulo, SP

RESUMO

Neste relato, apresentamos resultados da pesquisa Limites e possibilidades da liberdade de expressão no mundo do trabalho, obtidos a partir da análise discursiva feita por meio da realização de 84 entrevistas com trabalhadores de sete organizações. Pudemos observar que a definição para a liberdade de expressão se associa basicamente ao direito de fala em práticas interativas em que a presença do outro configura-se como um limite real e a ser considerado para a modulação da própria expressão. Nessa interação, há possibilidades de conflitos, já que a discordância caracteriza a liberdade de expressão. A intensidade desses conflitos deve ser evitada, restando aos sujeitos administrar a própria fala de modo a não provocar danos ou silenciar-se em relação às posições que não são permitidas no discurso social.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade de expressão; mundo do trabalho; comunicação; valores

Introdução

A afirmação de que a liberdade de expressão é fundamento dos regimes democráticos tornou-se lugar-comum presente nos discursos filosófico, jurídico e político, fato que de certa forma nos impede de observar mais detidamente como este valor molda a convivência entre os indivíduos nas diversas instâncias sociais. Garantida nas constituições de matriz liberal nos países ocidentais, sua instabilidade no que se refere às práticas sociais de efetivação da democracia é notória, sobretudo se considerarmos aspectos da tensa relação entre indivíduos e instituições sociais, a exemplo do que ocorre no mundo do trabalho, e a formação histórica de sociedades como brasileira pautada na irregularidade de efetivação da cidadania (CARVALHO,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor de Comunicação na Universidade Paulista (UNIP) e na Faculdade de Tecnologia Termomecânica (FTT), e-mail: fernando.filho@usp.br.

2008). A variabilidade na vivência da liberdade de expressão é um fato que merece, portanto, atenção de pesquisadores.

As relações de dominação econômica formadas na esfera do capital, as interferências sociais e culturais, o jogo de forças políticas, entre outros fatores que podem ser enumerados, alargam ou restringem os sentidos para a liberdade de expressão, fatos que só podem ser identificados ao analisarmos tais movimentos ao longo da história, materializados nas práticas sociodiscursivas. Neste relato, apresentamos resultados da pesquisa Limites e possibilidades da liberdade de expressão no mundo do trabalho, obtidos a partir da análise discursiva feita por meio da realização de 84 entrevistas com trabalhadores de sete organizações que concordaram em participar de nosso estudo. Para tanto, nos valem dos conceitos teórico-metodológicos estabelecidos na análise do discurso materialista, na tradição de estudos de Pêcheux, na Ergologia e no binômio comunicação e trabalho, proposto por Figaro (2009).

O trabalho como mediação simbólica e de valores

Na visão de Schwartz (2000, p. 550), a ética é um ponto de passagem obrigatória para a especulação filosófica e se o homem não trabalhasse as questões éticas seriam provavelmente mais pobres. O trabalho, entendido como centro de vida, não pode ser dissociado do campo dos valores, constituindo-se como um lugar de encontro de valores que circulam na sociedade e são retrabalhados na esfera da atividade. Isso porque não há situação de trabalho que não exija escolha dos sujeitos. É na atividade que ocorrem microgestões, tratamento das variabilidades, hierarquização de gestos e atos. As tentativas de renormalização sempre remetem a um campo de valores que está em jogo na vida social, em sua dimensão política que se faz em torno dos valores que o mundo do trabalho não cessa de tratar (SCHWARTZ, 2000, p. 637). Os valores no trabalho e seus conflitos, na visão desse autor, são um campo ainda largamente subestimado, mas é na situação de trabalho que as relações entre os homens, os projetos de vida social, os vínculos entre as aspirações individuais e configurações coletivas se expressam, conferindo um espaço rico para a compreensão da circulação e da consistência dos valores, entre eles a liberdade de expressão. Isso significa que é necessário considerar o trabalho como um espaço de mediação simbólica, no qual se formam redes de sentidos.

Nesse espaço, há reelaborações de significados pelos sujeitos em seu meio cultural no confronto com as situações de trabalho.

Segundo Figaro (2008), a comunicação no mundo do trabalho se dá pelas interações necessárias à atividade de trabalho e às necessidades de gestão de si por si mesmo e de si pelos outros, distinguindo-se da comunicação empresarial. Dessa forma, a comunicação no mundo do trabalho é constitutiva do ser humano e se torna uma categoria de análise reveladora de reações e interações que se dão entre subjetividades, que inclui produção e recepção de sentidos. Assim, na perspectiva de Figaro, trabalho e comunicação são centrais na constituição das relações sociais, o que inclui os processos produtivos. A atividade de trabalho, que depende da ação do homem, é articulada pela atividade de comunicação, no trabalho social que caracteriza a própria espécie. Nesse sentido, a comunicação não é exclusividade de uma organização, devendo ser pensada em sentidos multidirecionais e em relações sociais ampliadas.

Entrevistas e processo discursivo

Para a formação do nosso corpus de análise, realizamos 84 entrevistas com trabalhadores de 7 organizações, como expusemos acima. Bauer e Gaskell (2002) explicam que a entrevista é um instrumento que possibilita a compreensão das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos humanos em contextos específicos. Com o uso de entrevistas, é possível identificar sistemas de valores, normas e símbolos, além de “representações de grupos determinados em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas” (MINAYO, 1992, p. 110). O uso de entrevistas se justifica porque se pretende compreender como os sujeitos trabalhadores significam a liberdade de expressão em relação ao discurso e às práticas institucionais de trabalho a que estão submetidos.

As entrevistas foram analisadas a partir dos procedimentos teórico-metodológicos da Análise do Discurso materialista. Nesse sentido, do material verbal obtido foram extraídas sequências discursivas que demonstrassem o processo discursivo (ORLANDI, 2002) em curso na fala dos entrevistados. Considerar a dimensão discursiva, conforme explica Maingueneau (2005, p. 16), significa analisar objetos integralmente linguísticos e integralmente históricos. As unidades do discurso constituem sistemas significantes que se relacionam com a história. Há condições de

enunciabilidade passíveis de serem circunscritas historicamente. Dessa forma, explica Maingueneau (2005, p. 19), colocamos em causa concepções estáticas de discurso, que não é um sistema de ideias nem uma “dispersão de ruínas passíveis de levantamentos topográficos, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação”.

Movimento de sentidos e liberdade de expressão

As entrevistas conduzidas com trabalhadores indicados pelas empresas que aceitaram participar de nossa pesquisa nos forneceram inicialmente elementos para compreender os sentidos em circulação acerca da liberdade e da liberdade de expressão. Para tanto, as primeiras questões direcionadas aos entrevistados tinham como objetivo fazê-los refletir sobre esses temas e defini-los para que pudéssemos, posteriormente, compreender os movimentos do sujeito e do sentido nas redes discursivas e a emergência de determinados enunciados no contexto da própria entrevista. Ao enunciarmos as questões ‘o que é liberdade?’ e ‘o que é liberdade de expressão para você?', o sujeito, tomado pela ilusão de que é fonte de seu dizer, elabora seus enunciados a partir de formações discursivas, que se tornam evidentes, produzindo o esquecimento de que o sentido também pode se modificar e ser outro (PECHEUX, 1997; ORLANDI, 2002).

De modo geral, portanto, os sujeitos foram estimulados a pensar e formular um discurso sobre a liberdade de expressão, colocando-a assim como objeto de sua fala. O resultado são tomadas de posição nas redes discursivas que manifestam a incidência de formações discursivas e de esquecimentos na constituição do dizer sobre a própria liberdade de expressão, num processo de delimitação de sentidos. Como explica Orlandi (2001, p.99), os sentidos no campo discursivo se formam na medida em que o sujeito se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso numa articulação complexa entre língua, imaginário e ideologia. Desse modo, há sentidos que se tornam possíveis em detrimento de outros. Nesse processo, as formações discursivas representam o lugar de constituição do sentido e de identificação do sujeito em relação a outros discursos.

Propor uma regularidade para as definições presentes em nosso arquivo significa compreender as oscilações, delimitações e esquecimentos que ocorrem nas falas dos

sujeitos, não evidentes na sua elaboração. Dessa maneira, procuramos, mostrar como a liberdade é significada no movimento dos sentidos propostos pelos sujeitos, afetados por formações discursivas e por uma memória discursiva sobre a liberdade tecida ao longo da história. A espessura semântica desse termo é tomada como acontecimento, ou seja, o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória (PECHEUX, 2002, p.17).

A liberdade de expressão como definição da liberdade

O questionamento sobre a definição de liberdade possibilita aos entrevistados aproximarem conceitos que passam a ser nucleares para os sentidos atribuídos à liberdade. Os deslizamentos operados nas redes de sentido fazem com que a liberdade de expressão se torne a definição para a liberdade. Para esses sujeitos, portanto, a liberdade de expressão não é um tipo de liberdade, mas sim seu sentido definidor. Nesse aspecto, liberdade e liberdade de expressão se confundem como conceitos na elaboração discursiva. Apagam-se outras formulações possíveis para a liberdade e seu significado passa a se reduzir à expressão, que concentra o sentido de liberdade. A reformulação parafrástica realizada pelos sujeitos faz com que um tipo de liberdade, ou seja, a liberdade de expressão, se torne sinônimo de liberdade como um todo. Para Pêcheux (1997, p. 173), há no discurso o esquecimento n. 2, que ocorre no momento de formulação em que o sujeito falante faz uma seleção de enunciados no interior de formações discursivas que o dominam. Há o esquecimento de que o sentido sempre pode ser outro ou vir de outro lugar.

Admitimos, portanto, que a liberdade de expressão, ao ser elaborado como núcleo de sentido, para a liberdade gera não apenas o efeito de redução de seu significado, mas o esquecimento de que a liberdade abrange inúmeras possibilidades existenciais e sua definição não se restringe à expressão. Desse modo, a liberdade se torna apenas a liberdade de expressão, em definições que também se desprendem do contexto de sua enunciação e da experiência vivida. Nas sequências abaixo, procuramos observar como esses deslizamentos se processam gerando os efeitos relatados.

(1) *É quando você consegue se expressar, consegue falar sua visão, sentimentos, sem ser punido, sem ser discriminada, sem ter a pressão.* (publicitário, assistente de comunicação, 35 anos).

-
- (2) *É a facilidade de expressão, que você se sente sem ficar presos a preconceitos, amarras sociais.* (Bacharel em história, analista de comunicação institucional, 27 anos).
 - (3) *É ter liberdade de opinar em um certo assunto da forma que a gente pensa. Expressar o ponto de vista de um determinado assunto.* (tecnóloga em gestão, assistente de comunicação empresarial, 23 anos).
 - (4) *É falar dos assuntos que eu gosto, com quem eu quiser. Sou fissurada por futebol, sou palmeirense. Não quero ser questionada como a menina que adora futebol. Liberdade de falar o que eu quero, ser ouvida, aprovada do jeito que eu sou, a maneira que eu me visto. Poder me posicionar como eu quero e com quem eu quero.* (Psicóloga, analista de RH, 26).
 - (5) *Olha, liberdade pra mim é eu poder me manifestar sobre qualquer assunto, situação. Dizer o que penso, mesmo que isso vá contra o que está estabelecido. Saber que eu não vou ser reprimida, não vou ser olhada de maneira diferente.* (administradora, analista de contas, 54 anos)

Na sequência 1, observamos que o sujeito procura situar a liberdade em situações – ‘é quando’, fato que não ocorre sempre. A liberdade está no domínio da expressão dos sentimentos, de ‘falar sua visão’, entendida como manifestação de um determinado ponto de vista. Essa liberdade é acompanhada da ausência de discriminação e de pressão, inseridos no discurso do sujeito como elementos de limitação. Da mesma forma, em 2, observamos que a liberdade se define pela facilidade de expressão do sujeito de modo amplo sem ficar ‘preso a preconceitos’ ou ‘amarras sociais’. Em 3, a liberdade se insere no campo da expressão, porém mais precisamente no da opinião e do pensamento sobre determinados assuntos. A liberdade de fala de assuntos do gosto do sujeito sem provocar reações estereotipadas – “não quero ser questionada como a menina que gosta de futebol” - refere-se à aprovação de sua identidade, de sua maneira de vestir e de se posicionar da forma que quiser, como podemos observar em 4. Nessa sequência, a expressão é tomada exclusivamente na sua dimensão subjetiva. Em 5, a manifestação da opinião é a definição da liberdade para um sujeito que pensa sobre assuntos, situações e reivindica para si o direito à diferença de opinião – “mesmo que isso vá contra o estabelecido”. E essa liberdade é condicionada à não repressão ou ‘ser olhada de modo diferente’. A liberdade entendida como liberdade de expressão é então aquela que se refere à expressão da identidade, dos gostos e preferências de um sujeito, e para alguns se refere mais diretamente ao pensamento e às opiniões que se manifestam. Tal liberdade se define por ausência de repressão ou punição, aspectos mencionados, mas não diretamente analisados pelos sujeitos acerca de sua existência, permanecendo, portanto, como ideais.

Um atributo do sujeito

Nas sequências abaixo, podemos observar que a liberdade de expressão é considerada um atributo do ser e ganha amplitude para além da expressão verbal, compondo a identidade do próprio indivíduo. Tomemos como exemplo a sequência 6, a liberdade de expressão é “você poder exercer na prática aquilo que você é”. Você, tomado na sua generalidade, e “poder” como auxiliar modal, que pode indicar a capacidade para exercer, ou seja, para manifestar concretamente o ser, ou ser autorizado a expressar. E essa manifestação abrange aspectos relativos ao gênero, ao que se “gosta de vestir”, numa acepção que se amplia, conforme atesta a fala do sujeito. A liberdade de expressão se vincula ao poder se manifestar em qualquer lugar ocupado pelo ser. Enfim, liberdade de expressão é “ser eu mesmo”. Em 7, a liberdade de expressão também é um atributo do ser, é “o jeito”, o estilo, marcas da individualidade, que se coloca “naquilo que eu faço para ter o meu estilo”. A manifestação do ser se confunde com o fazer, com sua própria atividade, logo a liberdade de expressão torna-se inerente ao ser humano, que “se expressa por inteiro, gesto, olhar, falas e comportamento”, como afirma o sujeito em 8. A expressão abarca a totalidade do ser e se manifesta no seu corpo – pelos gestos, pelo olhar, pela fala – e no comportamento, expressão que se torna mais evidente – “tá na cara” .

- (6) *Liberdade de expressão é você poder exercer na prática aquilo que você é, independente da questão de gênero, é o jeito que você gosta de se vestir, de falar, pensando de forma ampla, independente do lugar em que estou, ser eu mesmo* (bacharel em educação física, coordenador, 43 anos).
- (7) *É o meu jeito, meu estilo, minha ideia, colocar um pouco de mim no que eu faço pra ter o meu próprio estilo.* (ensino médio, auxiliar de comunicação e marketing, 18 anos).
- (8) *O ser humano se expressa por inteiro, gesto, olhar, falas, comportamento, não sei o que é mais intenso. A gente muitas vezes não expressa na fala, mas nas atitudes enxerga muito mais, não vou dizer que é involuntário, muitas vezes querem expressar e tá na cara.* (publicitária, analista sênior, 32 anos).

O direito de discordar

A liberdade de expressão abarca o direito de discordância, de debate gerado por opiniões diversas que possam se manifestar no mesmo espaço discursivo

(MAINGUENEAU, 1997, p. 117)³, configurando limites e sentidos para temas e assuntos diversos. A liberdade é um fator para a coexistência de discursos e posições variadas. A definição para a liberdade de expressão inclui o direito à divergência, como podemos observar em (9). Estar em acordo ou desacordo com “quem você está se dirigindo” é parte da liberdade de expressão. Desse modo, é um direito discordar independentemente de religião, gênero ou ideologia, palavras que abarcam respectivamente os campos do sagrado, da sexualidade e da política, aspectos considerados conflituosos na sociedade e que despertam polêmicas. Logo, a liberdade de expressão existe para garantir a diferença da opinião. Foucault (2005, p.9) explica que a interdição no discurso recai fortemente sobre os temas relativos à sexualidade e a política.

A diferença manifesta em questões políticas ou esportivas, que abrem a possibilidade de polêmica no ambiente de trabalho referido pela entrevistada, pode ser observada em 10. A entrevistada se diz de esquerda e corintiana, o que em seu discurso é marca da diferença ou mesmo de uma expressão minoritária: “todo mundo pega no meu pé”. Há um esforço para inibir essa manifestação “incômoda”. No entanto, o sujeito diz resistir: “eu não me deixo dobrar. Faço questão de expor meu ponto de vista, em toda situação”. Ainda que haja tensão no debate, o sujeito não acredita em repressão, mas os comentários são uma constante: “Lá vem a petista”. Ela reconhece que busca “manejar”, ou seja, modular sua expressão minoritária num ambiente em que assumir tais posicionamento não é bem visto. O sujeito considera que sua atitude é marcada por um dever que se universaliza em sua fala: “é importante a gente saber que não pode deixar de se manifestar, não se dobrar diante de uma situação que você se sinta desconfortável”. Falar no que se acredita pode ser razão para ser “meio crucificado”, expressão que remete a uma situação figurada de tortura e demonstra o controle social da fala que se estabelece em ambientes diversos. O desafio é “falar sem desrespeitar o que o outro pensa e sem deixar de falar o que eu penso”. Desse modo, o sujeito, por aderir a uma formação ideológica e discursiva diferente da maioria de seus colegas, afirma enfrentar o embate cotidiano para não ser silenciado nem se silenciar em nome da convivência ou da manutenção de seu emprego.

³ Maingueneau define o espaço discursivo como um subconjunto do campo discursivo, que liga pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados.

Em 11, observamos que o sujeito considera a liberdade de expressão dentro do campo de significação da liberdade. A liberdade de expressão é “conseguir colocar sua opinião”. O verbo conseguir demonstra que há um envolvimento do sujeito, uma ação para fazer valer sua posição no discurso em meio a outras posições. Ainda que tais assuntos não sejam especificados, observamos o fato de que a liberdade de expressão, entendida como opinião e forma de enxergar, requer do sujeito que assuma posicionamentos, que podem gerar conflitos na relação com outras pessoas. No entanto, a expressão livre é respeitada ‘mesmo assim’, pressupondo uma atitude dos outros em relação àquele que discorda e sem tentar impedir esta fala. Desse modo, a liberdade de expressão está na dependência da interação com os outros e da adoção de práticas de tolerância.

- (9) *A liberdade de expressão é expressar aquilo que a gente pensa, estando ou não de acordo com quem você tá se dirigindo. Eu penso e nem sempre concordo com o que certas pessoas pensam, tenho liberdade de concordar ou discordar delas. Expressar mesmo suas ideias, independente de religião, de gênero, de ideologia.* (educadora, coordenadora, 53 anos).
- (10) *Eu, na minha área, sou de esquerda, corintiana. Todo mundo pega no meu pé. Eu não me deixo dobrar. Faço questão de expor meu ponto de vista, em toda situação. Não sinto que tenha repressão, mas tem sempre comentários. Lá vem a petista, busco dar uma maneirada. Mas é importante a gente saber que não pode deixar de se manifestar, não se dobrar ou se omitir diante de uma situação que você se sinta desconfortável. Hoje em dia tem essa polarização. Não pode falar que você acredita numa coisa diferente, você é meio crucificado. É conseguir falar sem desprezar o que o outro pensa, sem deixar de falar o que eu penso.* (administradora, analista de contas, 54 anos).
- (11) *Acho que vai um pouco como o que é liberdade. Conseguir colocar sua opinião e a forma com que você enxerga determinados assuntos, mesmo que não estejam de acordo com as pessoas que estão ali ao seu redor e que você seja respeitado mesmo assim.* (administradora, executiva de vendas, 27 anos)

Liberdade de expressão como ausência de punição

O espectro da ameaça da punição vinda de alguma instância de poder paira sobre os discursos sobre a liberdade de expressão, que só se efetiva quando essa ameaça não está presente. Vejamos como o vínculo entre liberdade de expressão e ausência de punição é construído nas falas de nossos entrevistados. Em 12, a liberdade se define pela ausência de cerceamento. Não há estrutura ou alguém que determine como deve ser a fala ou o comportamento. Não ter medo de represálias ao se expressar é característica da liberdade de expressão, que é “poder expressar sentidos em relação a fatos, acontecimento, pessoas”. O sujeito autorizado ou que detém este poder é livre para

atribuir sentidos aos objetos, eventos e seres que o cercam. O “poder colocar seu ponto de vista, seu posicionamento, sem ser punida, nem discriminada” é característica da liberdade de expressão em 13 e exclui a punição ou a discriminação, inseridas no mesmo eixo de significação. Religião, opção sexual, opinião política são aspectos da vida social que se configuram como tabus da expressão e geram os conflitos que podem resultar em punição, algo difícil de aceitar, posição materializada, em 14, na expressão “o duro é quando tem punição”. A convivência com as diferenças não é algo fácil e o sujeito afirma ter passado por situações que remetem à discriminação religiosa (“já passei por isso”). Nesse caso, a liberdade de expressão é interpretada a partir de uma experiência, cujo foco é a restrição, que afeta mais diretamente “aquele que é diferente”.

Em 15, podemos observar que a liberdade de expressão inclui moderação ao falar. É uma fala reflexiva, calculada, que ostenta segurança ao expressar o pensamento e não comporte punições (“não ser maltratado por isso”). Assim como em outras sequências, observamos que futebol, política e religião são assuntos polêmicos, capazes de abrir os conflitos entre os interlocutores (“É começar a entrar nisso, sai briga, independente de qualquer setor”). O risco da expressão deve ser avaliado, porque há medo da reação dos outros.

- (12) *Eu acho que é você não ser cerceado, expressar da forma que você quer, você não ter uma estrutura ou alguém que diga que você não pode falar isso, se comportar dessa forma, da forma que você deseja.* (bacharel em sistemas de informação, analista de programação sênior, 30 anos).
- (13) *Poder expressar sentidos em relação a fatos, acontecimentos, pessoas, expressar sem medo de represálias* (publicitário, analista de marketing, 36 anos).
- (14) *Acho que é a pessoa poder colocar seu ponto de vista, seu posicionamento, sem ser punida, nem discriminada. Se ela tem um perfil religioso, não é discriminada por isso. Se tem uma opção sexual diferente, também não é discriminada. Acaba entrando nessas questões. O duro é quando tem punição, tem gente que é promovido porque frequenta certa igreja, que é demitido por conta de religião. Já passei por isso. A gente é discriminado porque tem determinada posição política. Aquele que é diferente, não vai ter oportunidade, muita dificuldade de lidar com a diferença, muita insegurança, muito choque de gerações.* (psicóloga, analista de RH, 35 anos).
- (15) *Liberdade de expressão é você falar moderadamente, com segurança, aquilo que você pensa e não ser maltratado por isso. Eu penso diferente sobre futebol, política e religião. E aí? É começar a entrar nisso, sai briga, independente de qualquer setor. Eu acho que meu diretor tá errado, ele não vai ligar para o que eu to falando?. Toda ação tem uma reação e as pessoas têm medo de como as pessoas vão reagir.* (técnicóloga em administração, assistente de comunicação empresarial, 23 anos,).

O outro como limite

A relação com o outro se torna mediação e parâmetro para a definição e o limite da própria expressão, que não deve ser ultrapassado. O outro, seja o colega de trabalho, e o ser coletivo definido na esfera dos direitos debatidos e ou conquistados na contemporaneidade, a exemplo daqueles que se referem a questões de gênero e étnicas, se configuram como barreiras “positivas”, que inibem a expressão e demonstram mudanças nas redes discursivas em relação a outros momentos históricos. Há sentidos e posições discursivas que quando emergem tornam-se alvo de condenação social e ou legal. Há um controle, portanto, das posições que devem ser assumidas no discurso a partir da compreensão de que há uma disputa de sentidos política que se opera na linguagem, causando a divisão destes sentidos (ORLANDI, 1998) e, ao mesmo tempo, produzindo hegemonias de sentido que também interditam a emergência de outros sentidos e de certas formações discursivas. Desse modo, há uma modulação do dizer em relação ao outro nas suas especificidades.

Os temas políticos, as questões de gênero e étnicas ganham relevo na fala dos entrevistados. Em 16, o sujeito, afirma que a “liberdade de expressão é você poder se posicionar, poder falar, dentro daquilo que é respeitoso, ético e contribua para a melhoria das coisas”. O eixo de significação respeito, ética e contribuição para a melhoria das coisas assinala a preocupação de que a expressão produza um efeito considerado positivo e que se aproxime de uma relação ética entre os participantes da comunicação. O sujeito afirma ser possível falar hoje coisas que não eram possíveis há dez anos, ou seja, há uma mudança nas possibilidades do dizer, que ampliam a liberdade para determinados assuntos e restringem os posicionamentos possíveis assumidos pelos sujeitos. Por isso, a liberdade de expressão requer maturidade para assumir posições que possam ser consideradas “positivas e contribuam para a sociedade de maneira ética”. Isso porque a fala traz consequências e o respeito aos sexos e etnias deve existir. Há um compromisso ético na fala, uma dimensão da linguagem que deve ser levada em conta. Paveau (2013, p.100) explica que as sociedades dispõem de codificações éticas das práticas linguísticas que permitem distinguir o que é um bom ou um mau discurso e que se formam como sistema de normas que regulam os comportamentos individuais sob a forma de direitos e deveres.

(16) *Eu acho que a liberdade de expressão é você poder se posicionar, poder falar, dentro daquilo que é respeitoso, ético e contribua para a melhoria das coisas. Tem coisas que eu falo e não falava há dez anos.* (engenheiro elétrico, chefe de departamento, 60 anos).

Em 17, o sujeito afirma que "hoje você pode falar tudo, desde que você não pise no calo de ninguém." "Hoje", entendido como atualidade, situa o discurso num eixo temporal em que os sentidos dos limites impostos pelo respeito ao outro se tornam hegemônicos e se consolidam como parâmetro legal e comportamental para a sociedade. Por meio da conjunção condicional “desde que”, opera-se a restrição no discurso à amplitude da liberdade de expressão. Assim, não se deve “pisar no calo de ninguém”, expressão que remete ao incômodo, à dor provocada no outro por um ato que pode ser intencional ou não. Como exemplo, o sujeito se remete à fala do presidente Michel Temer a propósito do dia internacional da mulher, em 2017, na qual ele se refere às mulheres na sua condição de cuidadora do lar. Não se pode falar tudo, por que há um “policimento do politicamente correto”.

Ao inserir-se numa rede discursiva que reconhece a existência de uma formação discursiva politicamente correta, ele não necessariamente adere a ela, porém admite os limites impostos. Ainda assim, coexistem na sociedade formações discursivas que integram a fala do presidente, que não encontraria resistência nos anos 60 e 70: “Nos anos 60, a mulher era rainha do lar. Se tivesse feito este discurso nos anos 60 e 70, estaria perfeito” Hoje, porém, existem formações críticas a esse discurso, o que faz com que ele perca sua atualidade e seja objeto de crítica. Há, portanto uma historicidade do dizer que se define em relação a posições que são admitidas ou recusadas num determinado momento e numa sociedade. Por ter crescido em outra época, o sujeito afirma que a “liberdade está mais difícil”, ou seja, há mais restrições para a fala que nem sempre são evidentes para quem é “de outra época”. Assim, ele não se sente livre para se expressar por pertencer a um outro tempo e, por isso, é necessário cuidado. Possenti (1995) explica que a fala politicamente correta demonstra a relação das palavras com formações discursivas históricas que atribuem sentidos pejorativos a determinadas expressões e, ao mesmo tempo, fazem com que os sujeitos possam, ao enunciá-las, serem considerados racistas, machistas, entre outras denominações.

(17) Hoje você pode falar tudo, desde que você não pise no calo de ninguém. Ontem, o nosso presidente fez um discurso sobre as mulheres. Não pode falar tudo. Você tem um policimento do politicamente correto. A mulher dentro de casa, talvez funcione para boa parte da população, mas a população crítica. Nos anos 60, a mulher era rainha do lar. Se tivesse feito este discurso nos anos 60 e 70, estaria perfeito. A liberdade tá mais difícil, nós crescemos em outras épocas. Talvez um jovem, que já cresceu com conceito de igualdade entre todos, já naturalmente ele se sente livre. Nossos conceitos e valores são diferentes. Temos de tomar cuidado. (engenheiro civil, assessor da presidência, 61 anos).

“Falar o que pensa sem prejudicar ninguém” e “ter uma opinião formada sobre os assuntos” são elementos definidores da liberdade de expressão na sequência 18. Não causar danos torna-se um parâmetro para a liberdade de expressão. O sujeito assume uma posição de que a “opinião é adquirida”, “depois de um certo tempo”, ao pensar na sua relação com o trabalho e a empresa onde exerce suas funções. O direito a manifestar a opinião, faceta da liberdade de expressão, é uma conquista, que em seu caso foi rápida, porque “já conhecia o pessoal daqui”. É necessário separar “pessoal” do “profissional”. É na esfera do que é “profissional” que ela afirma se expressar bem. Há uma divisão de sentidos: a liberdade de expressão pessoal e a liberdade de expressão profissional, separação que precisa ser considerada na relação com a liberdade. Quando essas separações não são nítidas, há riscos de impor limitações a expressões do outro e causar prejuízos pessoais e profissionais. Ela cita um exemplo de sua experiência profissional em um escritório de advocacia. Por ser amiga de sua gestora, que tinha uma briga pessoal com outra advogada, passou a sofrer retaliações e ter sua fala “cortada”: “tudo que ia falar, ela me cortava, algo pessoal, era amiga dela. Pra atingir outra pessoa, ela meio que me usava.”

(18) É aquilo que eu te falei, liberdade de você falar o que você pensa, sem prejudicar ninguém, ter uma opinião formada sobre os assuntos. Depois de um certo tempo, você consegue adquirir esta opinião. Tive esta liberdade muito rápido, já conhecia o pessoal daqui, empresa familiar. Você sabe separar o pessoal do profissional. Dentro do profissional, consegui me expressar bem dentro das situações. Em uma das empresas, um escritório de advocacia, eu era amiga de uma das advogadas, era minha gestora. Ela tinha uma briga pessoal com outra advogada que era sócia. Tudo que eu ia falar, ela me cortava. Era algo pessoal, porque eu era amiga dela. Pra atingir outra pessoa, ela meio que me usava. (ensino médio, recepcionista, 35 anos).

A contradição expressa pelo sujeito em 19 – “Liberdade de expressão é simples, apesar de controversa”- abre a possibilidade de interpretar a liberdade de expressão não apenas nas questões conceituais, mas na dimensão do uso dessa liberdade e de como é necessário administrá-la a partir da percepção dos limites do outro. A liberdade de expressão é simples, na sua prática, considerando os limites do outro. E controversa, porque há um debate conceitual sobre seus limites. São duas referências que se constroem no discurso: a primeira se refere à prática, aos aspectos relacionados à simplicidade para sua efetivação. Numa segunda referência, o sujeito traz para o discurso a discussão conceitual, que pode ser diluída no “bom senso”, explicado por ele. Invadir o espaço do outro torna-se um limite para o exercício da liberdade de expressão.

A exposição dos pontos de vista é possível, porém nem sempre tudo que se pensa pode ser exposto. Como exemplo, ele cita questões políticas: “Embora eu odeie o PT, essa minha visão caminha em linha com o respeito.” Sua função, a de vendedor, é a que medeia sua forma de pensar e de se expressar: “eu jamais vou falar mal do PT pra quem é do PT. O mesmo se aplica ao futebol: “sou corintiano, mas se o outro for palmeirense, não vou avançar os limites”. A liberdade de expressão é uma questão de tato, de saber falar e de conhecimento do interlocutor, já que sempre haverá pontos de discórdia. Ele reconhece que há liberdade para expressar opiniões políticas, religiosas e de diversos assuntos sem condenação, prerrogativa dos regimes democráticos. Vale comparar o Brasil (“aqui”) com um país sem liberdade de expressão garantida: “Aqui é diferente da Coreia do Norte”. A liberdade de expressão é uma questão de saber usá-la para viver em sociedade. Há um sentido ético que precisa ser considerado ao validar a opinião dos outros: “Não posso achar que eu tô sempre certo e o outro, errado.”

(20) Liberdade de expressão é simples, apesar de controversa. É bom senso. Se a liberdade invade espaço do outro, não posso exercê-la. Se ferir o ponto de vista, não vou ser condenado. Nem tudo que penso, posso expor. Embora eu odeie o PT, essa minha visão caminha em linha com o respeito. Eu sou vendedor, eu jamais vou falar mal do PT pra quem é do PT. Sou corintiano, mas se o outro for palmeirense, não vou avançar os limites. É ter um pouco de tato. As pessoas vão ter sempre pontos de discórdia. Posso professar minha opinião política, religiosa, diversos assuntos e não vou ser condenado. Aqui é diferente da Coreia do Norte. Precisamos saber usar, até para viver em sociedade. Não posso achar que eu to sempre certo e o outro, errado. (administrador, gerente comercial, 35 anos).

Considerações finais

A definição para a liberdade de expressão se associa basicamente ao direito de fala em práticas interativas em que a presença do outro configura-se como um limite real e a ser considerado para a modulação da própria expressão. Nessa interação, há possibilidades de conflitos, já que a discordância caracteriza a liberdade de expressão. A intensidade desses conflitos deve ser evitada, restando aos sujeitos administrar a própria fala de modo a não provocar danos ou silenciar-se em relação às posições que não são permitidas no discurso social.

Há uma tendência ao apagamento das situações em que o dizer se produz, não havendo na maioria das falas, portanto, uma reflexão sobre os contextos tampouco sobre o trabalho e as relações envolvidas. A elaboração dos sujeitos sobre a memória discursiva acerca da liberdade de expressão faz prevalecer a dimensão individual da expressão, como valor conflituoso, sujeito a mudanças, porém, de certa forma,

estabilizado como direito do indivíduo. Podemos observar que há, de fato, um predomínio da matriz liberal de compreensão da liberdade de expressão, em que a livre circulação de ideias, a discordância, a crítica e, paralelamente, o respeito aos outros se cristalizam no discurso social como valores e como elementos que apontam para uma conquista das sociedades democráticas. Reproduz-se, portanto, um discurso que estabiliza este valor e apaga as contradições presentes na sociedade e no sistema produtivo.

REFERÊNCIAS

- BAUER, M.; W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis:** Vozes, 2002
- CARVALHO, J.M. **Cidadania no Brasil:** o longo caminho. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- FIGARO, R. Comunicação e Trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. In: Atividade de comunicação e de trabalho. In: **Trabalho, Educação e Saúde**, v.6, n.1, p, 107-145, mar-jun, 2008.
- FIGARO, R. **Mediaciones sociales: revista de ciencias sociales y de la comunicación**, nº 4, primer semestre de 2009, pp. 23-49. ISSN: 1989-0494. Universidad Complutense de Madrid.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** 12ª edição. São Paulo: Loyola, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** 3ª edição. Campinas: Pontes, 1997.
- _____. **Gênese dos discursos.** Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.
- ORLANDI, E. **A interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- PAVEAU, M.A. **Langage et morale:** une éthique des vertus discursives. Paris: Lambert-Lucas, 2013.
- PECHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. 3a. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- POSSENTI, S. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. **Revista de estudos da linguagem**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 123-140, dec. 1995. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/1016>>. Acesso em: 21 jan. 2018.
- SCHWARTZ, Y. **Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe.** Toulouse: Octarès, 2000.